

ESPIRITUALIDADE DO Pe. JOÃO

Pe. Orides Ballardin

1 – Pe. João e a santidade.

“É vontade de Deus que eu me faça santo. Mas a santidade é uma coisa impossível para o homem, tanto mais para mim que sou o último dos homens. Mas, Deus não exige o impossível; portanto, se Ele quer que me faça santo, deve oferecer-me os meios. Quais? Os Sacramentos e, para mim, o principal, o infalível meio é o filial e simples abandono à sua Santíssima Vontade: nas coisas alegres e tristes, na saúde e na doença, num trabalho ou em outro, em público ou na vida oculta... na obediência cega, generosa sobrenatural aos superiores” (Pe. João).

“Fazer a vontade de Deus é o melhor, o mais seguro caminho para chegar ao que Deus quer realizar na pessoa humana” (Pe. João).

No túmulo do Pe. João lemos uma de suas frases mais preciosas: *“Pai, eu sempre quis fazer a tua Vontade”*.

2 – Pe. João missionário e pregador (sacerdote).

a) Pregador:

“O sacerdote deve conhecer, pregar e amar a Jesus Cristo. Sou sacerdote, devo estudar sempre mais a Jesus Cristo: devo fazê-lo conhecer... Devo amar a Jesus Cristo e este amor me levará à perfeição, produzirá em mim: uma piedade terna... Mais perto do Senhor, sentirei o sabor; mais perto, deixarei o que não lhe agrada. Devo ter uma confiança solidíssima e meu sacrifício deve ser heróico” (Pe. João).

“Deverei dar contas a Deus de todas as almas que me são confiadas. Nenhuma pode se perder por meu desleixo” (Pe. João).

A mais profícua pregação é, certamente, a vivência pessoal. Assim, Pe. João foi pregador contínuo, dando testemunho evidente de apóstolo de Cristo.

Em nenhuma ocasião, este seguidor de Cristo, deixou de ser o dispensador da palavra de Deus e do amor de Deus. Em aconselhamento individual, ocasional, ou até no confessionário, Pe. João sabia escolher a linguagem própria para o tempo e para a pessoa que orientava a Cristo. Na simplicidade e na

força de sua palavra, estava a certeza de atingir o coração das pessoas para a conversão ou aprimoramento de sua vivência cristã e religiosa.

A pregação do Pe. João não brilhou pela perfeição retórica. Todavia, o conteúdo dos sermões e retiros atingia os ouvintes pela profundidade do ensinamento. Preparava o conteúdo de sua pregação com um sumário, e, mais ainda, com o coração e a oração.

A pregação dele tocava não só o público que o escutava, mas também a pessoa que encontrava no caminho... Não se preocupava muito com o relógio, embora isso desgostasse os apressados. Para ele era mais importante atender a “ovelha” desorientada, do que as razões humanas. Jamais deixou de atender alguém, embora houvesse quem reclamasse de seus atrasos. Assim também não decidia nada de importante, sem antes consultar, no seu interior, qual seria a vontade de Deus sobre o assunto.

Preparava os sermões, chegando a escrevê-los.

b) Missionário:

Tendo recebido a comunicação da decisão dos Superiores de partir como missionário para o Brasil, aos 26 de julho de 1930 escrevia no seu diário:

“Para seguir Jesus, eu necessito de docilidade. Meu Senhor, dá-me esta docilidade, pelo teu Coração Sacratíssimo... Coração de Jesus, eu confio em ti! Ensina-me, Senhor, a fazer a tua vontade, porque o meu Deus és Tu.... Invocarei teu nome, Senhor, como obcecado, ou com a mente, ou com o coração, quando não posso com os lábios. Tu és meu capitão. A Ti escolhi e de novo escolho para este ano e para o resto de minha vida. A Ti eu seguirei, na fome e na sede, no frio e no calor, no trabalho e na vigília, na imolação e no martírio. Jesus, renovo as minhas promessas batismais. Renovo meus votos religiosos. Juro novamente fidelidade...

Ordenas-me a renúncia dos pais, parentes, pátria, tudo. Eis-me, Jesus. Impõe-me a renúncia de mim mesmo. ‘Quem quer vir após mim... renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga’. Jesus, eu renuncio a tudo. Estou disposto a fazer o sacrifício completo. Ensina-me, de modo especial, a renúncia de mim mesmo. Destrói em mim o que herdei de Eva! Dá-me tua ajuda!”

Dias depois escreve:

“É a missão... No dia 4 de junho de 1931, os Superiores Maiores me designaram para o Brasil. Muito obrigado, Jesus!”

(Irmã Elisa Rigon no livro *“Traços da Espiritualidade do Servo de Deus Pe. João Schiavo”*, pg. 63 a 68).

3 - Pe. João e a oração.

“Oração contínua, em público e em particular: ‘Senhor a Vós entrego a minha vontade. Quero sacrificar tudo por amor... A Jesus Eucarístico todo meu amor’...” (Pe. João).

“Este homem bendito manifestava, também de outra forma, que de fato era de Deus: sua profunda oração. Quanto rezava o Pe. João! Rezava as orações sacerdotais, as celebrações eucarísticas (era coisa divina vê-lo celebrar a missa!), a Liturgia das Horas, o terço. O terço nos momentos livres e nas viagens que fazia! Por isso, muito do que aprendi em minha vida devo a ele também no campo da oração. A gente vendo o Pe. João rezar, sentia vontade de rezar”.

(Pe. Orides Ballardin, no livro *“O servo de Deus Pe. João Schiavo, traços biográficos”*, escrito pela Ir. Eliza Rigon, pg. 110).

“A oração foi sempre a necessidade de seu coração, a respiração de sua alma, seu alimento espiritual do qual desejava e queria que se nutrissem seus filhos e filhas espirituais...”

Desde cedo, no aconchego do lar, Joãozinho aprendeu a rezar. Era na oração que encontrava a razão de seu viver, a força e o impulso que o fazia aspirar a uma vida de entrega total à vontade divina. ...

Na oração, que fora companheira de sua vida, encontrou a certeza e a força para realizar a vontade de Deus. Através da oração, Deus lhe pediu maiores sacrifícios, como por exemplo, a separação da família, que era tão cara a seu coração de filho e irmão. ...

O servo de Deus Pe. João rezava e convidava à oração. Quando viajava com as Irmãs ou com outras pessoas, gostava de contemplar a natureza e rezava. Se, pelo caminho, passava perto de alguma igreja, inclinava a cabeça: a oração e a adoração brotavam de seus lábios e de seu coração...

Rezava, tendo em vista os pequenos e grandes problemas. Na oração estavam presentes os pobres, os pequenos e os grandes, porque para ele todos eram considerados filhos de Deus, precisando da Providência do Pai.

Levantava cedo para fazer sua preparação à S. Missa e, assim, fazia longo agradecimento após a celebração da Eucaristia. Acontecia, às vezes, que fosse necessário dar-lhe algum recado após a Missa. Estava tão imerso e unido a Deus que dificilmente ouvia na primeira vez que se chamava. E quando dava atenção o fazia com um sorriso verdadeiramente celestial. Essa sua união tão

íntima com Cristo... era a luz para as decisões e empreendimentos do dia-a-dia.

Podemos dizer que ele imitou muito a espiritualidade do santo fundador dos Josefinos, São Leonardo Murialdo. Nele o amor a Deus, o desejo firme de cumprir a sua santa vontade e o abandono à Divina Providência, foram características de sua espiritualidade.

“O amor a Deus me pressiona para amá-lo sem medida; para excluir tudo o que não é Ele; para amá-lo com amor efetivo, ligado às obras” (Pe. João).

“Meu Jesus, amo-vos sobre todas as coisas. Ofereço-vos a minha vida para que seja consumida no vosso serviço. Aceito de vossas mãos o tipo de morte que desejais me enviar” (Pe. João).

“Confiança fortíssima. Se Deus está conosco, quem estará contra nós”? Confiança para vencer as tentações... confiança no apostolado, confiança na salvação eterna” (Pe. João).

(Cf. cap.IX do livro *“Traços da Espiritualidade do Servo de Deus Pe. João Schiavo”*, escrito pela Ir. Elisa Rigon).

No tempo do Pe. João, fazia-se bastante mais oração e era valorizada a oração comunitária nas casas religiosas e também nas paróquias (famílias), sobretudo o terço. Insistia para que não fosse uma oração dos lábios, mas do coração, inspirada pela veneração e pelo amor. Não entendia a oração comunitária... se não houvesse união e caridade entre todos.

Pe. João insistia muito na oração pessoal... Pe. João sempre foi muito ativo, porém sem deixar de ser, especialmente nos momentos de oração, um contemplativo. Sabia que a fé não é sentimento, assim como não é uma experiência científica. A fé, sobretudo, é graça de Deus”.

(Cf. Cap. XIII do mesmo livro).

5 – *Devoções do Pe. João.*

a) *Devoção filial à Santíssima Trindade.*

Sua paróquia de nascimento era dedicada à Santíssima Trindade. Quando pronunciava o nome da Trindade, fazia uma leve inclinação de cabeça e sempre com a palavra Santíssima a anteceder-lhe.

b) *Devoção à Palavra de Deus.*

Não fazia nenhuma meditação comunitária ou pregação sem basear-se em algum trecho do Evangelho ou Carta Apostólica, especialmente de S. Paulo ou de S. João. Repetia sempre com muita devoção as palavras de Cristo!.

c) Devoção à Paixão de Nosso Senhor.

Gostava muito de percorrer a Via Sacra... Quando ele falava ou pregava sobre a Paixão de Jesus, fazia-o com tal devoção que parecia ele mesmo sofrer as dores de Cristo Jesus. Dizia que meditar sobre os sofrimentos de Nosso Senhor, era um bom antídoto contra o pecado.

d) Devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Pe. João esforçava-se para fazer compreender ao povo de Deus, e, muito mais, aos religiosos e religiosas o porquê da devoção ao Sagrado Coração. Dizia que era desse Coração Sacratíssimo que se deve aprender a amar, a ser misericordiosos, a perdoar.

e) Devoção a Maria Santíssima.

Pe. João tinha na Mãe Benditíssima, como costumava chamá-la, toda ternura que se pode imaginar... Com íntima efusão de espírito, falava das glórias e da dignidade da Santa Mãe de Deus. Seu rosto resplandecia de doçura e de alegria, quando falava do que Maria é para nós.

Propunha muito a Maria como protótipo a ser imitado. Maria era, sobretudo, exemplo da aceitação da vontade de Deus e de fidelidade. Se invocava Nossa Senhora como Medianeira, junto a seu filho Jesus, também chamava-a Mãe de Misericórdia, que intercede pelos pecadores e ... Mãe da Igreja.

Eis duas jaculatórias que rezava e ensinava a rezar: *“Ó Mãe dulcíssima, fazei-nos santos como Jesus o quer”*. *“Virgem Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, fazei-nos santos.”*

f) Devoção a S. José.

Pe. João era muito devoto de S. José não só por ser padroeiro da sua Congregação, mas, sobretudo, porque José era intimamente ligado Àqueles que eram seu tudo na vida: Jesus e Maria.

Pe. João na sua tarefa de educar, assim como Murialdo, sempre teve S. José como exemplo a seguir.

Foi acima de tudo na vida de trabalho (laboriosidade), na vida escondida e humilde que ele o tomou como exemplo.

(Cf. até aqui, o Cap. XIV do livro *“Traços da Espiritualidade do Servo de Deus P. João Schiavo”*).

g) Devoção à Eucaristia.

Pe. João celebrava celestialmente a S. Missa e a compreendia em sua imensa riqueza e significado. Pe. João não só parecia ficar translúcido no momento da consagração mas também parecia estar sofrendo. Tinha-se a impressão de que ele partilhasse das dores do Senhor Jesus em sua paixão. Algo de extraordinário, que jamais revelou, devia acontecer com ele, da consagração em diante, durante a Santa Missa. O que é verdadeiramente certo é que ele vivia intensamente o Santo Sacrifício por ele celebrado.

Creemos que, se o Pe. João vivia na presença de Deus, vivia também intimamente unido a Jesus Eucarístico. Quantas visitas ao Santíssimo Sacramento nas capelas das comunidades por onde passou!

Pe. João, como S. Leonardo Murialdo, sempre zelou para que a capela fosse o lugar mais lindo e rico da casa religiosa.

Aconselhava a todos fazer a comunhão reparadora... Ter espírito de reparação, não só pelos próprios pecados, mas por todas as ingratidões contra Deus, sobretudo as irreverências que se cometem no mundo inteiro também contra a Eucaristia. Quando pregava sobre a Eucaristia e abordava o assunto das comunhões sacrílegas, comovia-se muito e suplicava se fizessem atos de reparação.

(Cf. cap. XII do livro *“Traços da Espiritualidade do Servo de Deus Pe. João Schiavo”*).

h) Devoção à Divina Providência.

Pe. João acreditava profundamente na Providência de Deus e tinha certeza que a paternidade divina não haveria de falhar.

Na sua vida e no seu trabalho, houve provas evidentes da presença providencial do Pai dos céus. Estava convencido de que as obras não eram dele, mas do Pai e, d’Ele esperava tudo, mesmo o que humanamente parecia impossível.

(Cf. cap. X do livro *“Traços da espiritualidade do Servo de Deus P. João Schiavo”*)

6) Pe. João e os Josefinos de Murialdo.

Pe. João Schiavo, pertenceu aqui na terra à Congregação de S. José (Josefinos de Murialdo). Sempre teve um amor muito grande pela vida consagrada nessa Congregação que se dedica aos jovens pobres e abandonados...

Pe. João, neo-sacerdote na Itália, sonhava ir para as nossas missões do Equador e até morrer mártir.

Deus dispunha outro caminho de apostolado, santificação e martírio. Como vimos na biografia do presente livro, apenas ordenado sacerdote, foi enviado ao Seminário Menor de Montecchio Maggiore, na Itália, como formador dos pequenos seminaristas josefinos.

Seu trabalho de formador e animador dos seminaristas era exímio em todos os sentidos.

Do Brasil vinham solicitações ao Superior Geral de enviar um formador, já que as vocações locais da zona de imigração italiana de Caxias do Sul, em Ana Rech, eram abundantes e boas.

Pe. João, como dizemos nós, estava na lista de espera de ser missionário.

Finalmente, no dia 04 de junho de 1931, chegou a esperada autorização para ir às missões. Pe. João escrevia no seu diário: *“Fui escolhido para as missões do Brasil... Deo gratias! (Graças a Deus!). Partirei dia 14 de agosto... Seja feita a vontade de Deus!”*.

Em seguida escreveu: *“Ó Jesus, por teu amor renovo o sacrificio da separação de meus pais, de minhas irmãs, do meu irmão, da minha pátria, do meu Seminário, dos meus confrades... Faze de mim o que quiseres”*.

Foi recebido festiva e fraternamente pelos seus confrades em Jaguarão (RS), bem no sul do Brasil, após viagem feliz, mas longa.

Já no dia 25 de novembro de 1931 foi transferido de Jaguarão, onde fora destinado ao chegar no Brasil, para Ana Rech, seu destino final, para começar o trabalho de animação vocacional, formador dos seminaristas e mestre de noviços.

Os frutos do trabalho vocacional do Pe. João se consolidaram e se demonstraram promissores, tendo iniciado o noviciado três noviços no dia 19 de março de 1932. Os três fizeram seus primeiros votos aos 19 de março de 1933. Eram os primeiros josefinos brasileiros. Ao mesmo tempo Pe. João animava um belo grupo de jovens com intenção vocacional entre os alunos do Colégio Murialdo de Ana Rech.

Excelente foi também seu trabalho como pároco e diretor de escola em Galópolis nos anos 1935 e 1936.

Com o fechamento de Galópolis, no início de 1937, voltou para Ana Rech onde, com muita capacidade, dirigiu aquele benemérito Colégio Murialdo, abrindo um setor para formação de professores rurais “Escola Normal Rural Murialdo”.

Com a saída do Pe. Agostinho Gastaldo, Superior da Missão do Brasil, no início de 1937, começava um longuíssimo período de coordenação como

superior representante do Provincial (Argentina), depois como Superior Provincial do Brasil, período que se encerraria só no final de 1955.

Como Superior impulsionou o crescimento da Congregação no Brasil em todos os sentidos. Dava sobretudo atenção aos formandos, futuros josefinos. Formou com seu exemplo e conselhos, uma plêiade de dedicados josefinos, de ótimo espírito religioso, grande laboriosidade, espírito de sacrifício e dedicação pastoral.

Esse bendito homem de Deus, sabia acolher e guiar a todos com muito amor, reverência, encaminhando-os a Deus.

Atendia e amava o povo, seja no trabalho paroquial como nos colégios. O que a gente aprendia dele não eram tanto idéias mas aprendia a ser bom, a amar a Deus e ao próximo. Era algo que todos compreendiam quando ele falava com seu jeito santo. Desde jovem sacerdote aqui no Brasil deixava a impressão de ser uma pessoa de Deus, um santo. A bondade dele era transparente. Falando com ele, ficava-se com a convicção de que o valor máximo para o homem era ter um coração bom, ser bondoso, compreensivo e homem de fé e oração.

Essa foi a maneira de se portar como Superior e Diretor de obras, sempre a serviço dos mais pobres e necessitados. Abriu muitas instituições que perduram até hoje em favor dos meninos mais necessitados. Homem sempre disponível, sempre a serviço, como Jesus, que não tinha tempo para descansar e rezar, mas rezava à noite!

Ao encerrar seu longo serviço como Superior e animador dos confrades e obras josefinas do Brasil escrevia ao Superior Geral: *“Só Deus sabe os erros, as misérias, os excessos cometidos durante tantos anos. O frear do desenvolvimento da Congregação por causa da minha incapacidade e minha falta de virtude! Deus me perdoe! Os Superiores e especialmente o Superior Geral, Pe. Luigi Casaril, do qual sempre me senti filho e mais ainda me sinto agora, perdoem o mal que cometi e o bem que não fiz na vinha do Senhor”... Tenha a bondade, Reverendíssimo padre Geral, de dispensar qualquer palavra de estima em relação a mim; não mereço e pode ter a impressão que eu tenha feito algo, quando nada fiz que seja digno de ser recordado”* (Carta ao Superior Geral de 27/12/1955).

Só um santo podia escrever isso!

Sobre os alicerces de sua santidade consolidou-se no Brasil a Congregação de S. José que continua servindo a Igreja de Deus, seja no Brasil como no mundo, em 16 países. Muitos de seus filhos e filhas espirituais estão com ele no céu. E os demais aqui na terra continuam sua obra junto aos jovens pobres e abandonados do Sul ao Norte do Brasil.

Que o Pe. João, continue abençoando cada um de seus confrades, ex-alunos, benfeitores e colaboradores. Cuide de nossa saúde física e moral, nos faça generosos apóstolos e nos ajude a alcançar a santidade que ele alcançou, como é da vontade de Deus!

7) Pe. João e as Irmãs Murialdinas de S. José.

Dócil ao Espírito Santo, Pe. João Schiavo estava disponível a tudo o que de bom e de útil as circunstâncias e a Providência lhe indicassem. Por isso Deus serviu-se dele para transplantar para o Brasil a recém nascida congregação das *Irmãs Murialdinas de S. José*.

Esta mesma congregação, havia um ano, fora oficializada na Itália em 1953, pelo então Superior Geral dos Josefinos de Murialdo, Pe. Luigi Casaril, interpretando o desejo do Pe. Eugênio Reffo, co-fundador dos Josefinos, falecido em 1925 e com a causa de beatificação em curso no Vaticano.

Outro grupo de Murialdinas de S. José surgiu no Equador por obra do bispo Josefino Dom Maximiliano Spiller; igualmente no Chile, surgiu um terceiro grupo, por obra de outro josefino, o Pe. Antonio Zanandrea.

No Brasil as primeiras Irmãs Murialdinas vestiram o hábito aos 09 de maio de 1954, em Fazenda Souza. No dia 12 de fevereiro de 1955 iniciaram o Noviciado 12 noviças.

Em 25 de março de 1956 essas noviças emitiram pela primeira vez os votos de pobreza, castidade e obediência.

Pe. João sempre ao lado de cada uma e de todas, ia superando descréditos e faltas de apoio de todos os lados... Mas, Pe. João sentia que era obra de Deus, por isso lutou... Dividia seu precioso tempo entre os Josefinos, dos quais era Superior Provincial e as primeiras Irmãs Murialdinas. Humildemente repetia: “*Se for verdadeiramente obra de Deus, irá adiante, comigo ou sem mim; é Ele que agirá*”.

A partir de janeiro de 1956, após o término do terceiro mandato de Superior Provincial dos Josefinos de Murialdo, dedicou-se prioritariamente às Irmãs Murialdinas até sua santa morte em 1967.

Solicitou a ajuda formativa da Ir. Elisa Ana Rigon, uma Religiosa da Congregação das Irmãs de S. José de Chambéry.

Na medida em que aumentava a nova Família das Irmãs Murialdinas, cujo espírito e Regra tinham a mesma fonte que a dos Josefinos, também se levantaram os prédios que ora se encontram em Fazenda Souza.

Ali, ao lado da casa mãe das Murialdinas do Brasil, junto às suas filhas, já a 40 anos, repousa num belíssimo túmulo, sempre florido e meta de contínuas peregrinações, especialmente no dia 27 de cada mês, dia de seu falecimento.

(Cf. Livro da Ir. Elisa Rigon, “*O Servo de Deus Pe. João Schiavo - Traços biográficos*”, pg 53 e seguintes).